

As campanhas de vacinação infantil devem continuar



"As vacinas são uma das ferramentas mais poderosas na história da saúde pública", disse Tedros Adhanom Ghebreyesus, o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, dirigindo-se a todos aqueles que têm uma criança aos seus cuidados. "Agora mais do que nunca as crianças em todo o mundo estão sendo imunizadas", afirmou.

Entretanto, a vacinação de crianças foi desacelerada durante a crise do coronavírus. Por esta razão, o diretor da OMS pediu para não baixar a guarda nas imunizações rotineiras, mesmo durante a pandemia. Um total de 68 países tiveram os serviços de vacinação prejudicados pela crise, o que poderia afetar, segundo a UNICEF, 80 milhões de crianças com menos de um ano de idade no mundo todo.

A vacinação é urgente porque poderia prevenir doenças como a difteria, a poliomielite ou o sarampo e até "evitar a morte de milhares de crianças", explicou Adhanom Ghebreyesus na declaração da organização em 15 de julho passado.

Atraso na vacinação

Algumas das razões pelas quais a vacinação foi interrompida é porque alguns pais e cuidadores das crianças se recusam a deixar suas casas devido às restrições de deslocamento, à falta de informação ou ao medo de serem contagiados com COVID-19.

Da mesma forma, muitos trabalhadores da saúde não estão disponíveis porque têm restrições de deslocamento, mudaram suas obrigações nos hospitais por causa do vírus ou não possuem o equipamento necessário para cuidar dos pacientes. Por outro lado, há atrasos no transporte de algumas vacinas devido à quarentena, redução dos voos comerciais e disponibilidade limitada nos voos charter.

De fato, é a primeira vez em 28 anos que o mundo pode ver uma redução na cobertura da vacina DTP3 (difteria, tétano e coqueluche), que funciona como um "marcador comum" entre os países do mundo, explica a UNICEF. De acordo com uma [sondagem](#) realizada pela UNICEF, a OMS e a Gavi em maio de 2020, de 82 países que responderam, três quartos relataram uma interrupção nos programas de imunização.

Um exemplo para ilustrar o que podem causar os atrasos na vacinação, o não comparecimento ao consultório médico, ou não tomar medicamentos, é um [estudo](#) realizado pela Lancet Global Health. Segundo a revista clínica, devido ao atraso na entrega de medicamentos, a interrupção das terapias e o diagnóstico tardio, as mortes por HIV, tuberculose e malária poderiam aumentar em 10, 20 e 36 por cento, respectivamente, nos próximos cinco anos.

Para garantir que as crianças não sejam prejudicadas pela falta de vacinação, a UNICEF apelou aos governos e ao setor privado para que levassem vacinas às crianças do mundo. Neste sentido, Henrietta Fore, Diretora da UNICEF, anunciou em uma declaração em 15 de abril que "não podemos permitir que nossa luta contra uma doença (COVID-19) seja às custas do progresso a longo prazo de nossa luta contra outras doenças", por isso ela recomendou iniciar as imunizações "o mais rápido possível".

Por meio [desta ferramenta](#) desenvolvida pela UNICEF para a visualização dos dados, é possível comparar a cobertura da vacinação em todos os países que fazem parte das Nações Unidas. No caso da América Latina, a OMS advertiu que, na última década, a cobertura da vacinação caiu. Em países como Brasil, Bolívia, Haiti e Venezuela, a imunização caiu pelo menos 14%.



Na ferramenta, se a informação for discriminada na região, por exemplo, com a vacina contra a poliomielite, pode-se determinar que 26% das crianças no Brasil, 24% no México, 12% na Venezuela e 7% na Argentina não foram vacinadas. No Chile, República Dominicana e Salvador, apenas 1% das crianças não são vacinadas contra a poliomielite.

Possíveis soluções

Em resposta a esta situação, a Organização Mundial da Saúde [emitiu uma declaração](#) com conselhos para ajudar os países a determinarem como e quando continuar com as vacinações em massa. Cada país precisará fazer uma avaliação dos seus riscos específicos, dependendo de como a transmissão do coronavírus se comportar, da capacidade dos sistemas de saúde e da capacidade de liderar as campanhas.

Além disso, a UNICEF recomenda a restauração dos serviços mesmo durante a emergência do coronavírus, aderindo às recomendações de higiene e distanciamento social, e fornecendo equipamento adequado aos trabalhadores da saúde.

Nessa mesma linha, eles pedem ajuda aos trabalhadores da saúde para se comunicarem ativamente com aqueles que cuidam de crianças para explicar como os serviços estão sendo reconfigurados de uma forma segura. Também é importante expandir os serviços rotineiros às comunidades que não tenham sido alcançadas, onde moram as crianças mais vulneráveis.

Em conclusão, a falta de vacinação das crianças por causa da crise da COVID-19 é um problema que ainda pode ser revertido se os países se comprometerem a continuar com os programas de imunização. O mais importante é começar a agir o mais rápido possível, restaurar os canais de comunicação com os cuidadores de bebês e crianças e fazer um esforço para chegar às comunidades que estão longe das instalações de saúde. Está na hora de agir pelas próximas gerações que irão habitar o mundo.



FIFARMA

Fontes

[At least 80 million children under one at risk of diseases such as diphtheria, measles and polio as COVID-19 disrupts routine vaccination efforts, warn Gavi, WHO and UNICEF](#)

[Framework for decision-making: implementation of mass vaccination campaigns in the context of COVID-19](#)

[Immunization coverage estimates data visualization](#)

[Potential impact of the COVID-19 pandemic on HIV, tuberculosis, and malaria in low-income and middle-income countries: a modelling study](#)

[Special feature: immunization and COVID-19](#)

[The other infectious diseases spreading in the shadow of the pandemic](#)

